

ACADEMIA MINEIRA DE MEDICINA

Eu me pergunto, porque estou sendo submetido a tão distinguida honraria, essa de tornar-me Membro Honorário da Academia Mineira de Medicina? Mereço fazer parte desta consagrada confraria, idealizada pelos ilustres Colegas, Francisco José Neves e Itamar de Faria e integrada por cem nomes de notáveis doutores das mais variadas especialidades médicas? Não necessariamente por uma protocolar modéstia, mas por rigoroso apego à sinceridade, respondo: *não sei*.

Credito principalmente à generosidade de vários amigos, em especial do Acadêmico Carlos Eduardo Leão, que viram em minha trajetória algum mérito que assim justificasse.

Acredito que todos nós construímos nossa trajetória basicamente com nosso trabalho. Com nosso trabalho e um pouco de sorte...aliás, sem ela sequer atravessamos a rua! E eu sou um indivíduo de sorte: sorte pela escolha que fiz para Medicina, sorte pelos pais que tive, sorte pela companheira que tenho ao meu lado há quase 40 anos, sorte pela família que consegui construir...Não podemos nos esquecer todavia, que a sorte é fugidia, volúvel, infiel e não podemos confiar nela inteiramente.

Nasci em Araxá, em 1947. Cedo decidi que queria fazer Medicina...Diferentemente de hoje, na época, as principais opções eram Medicina ou Engenharia e, para quem não gostasse de nenhuma das duas ou permanecesse indeciso, sobrava direito. Mas aos 9 anos decidi de maneira inequívoca que queria ser médico. E isso teve uma motivação eloquente: um problema ortopédico relacionado ao crescimento do fêmur me propiciou estreito e intenso contato com médicos e hospitais: fiquei por quase 01 ano imobilizado da cintura até os tornozelos das duas pernas. Fiz o 3º ano do ensino básico em casa, com professora particular. Desnecessário mencionar o carinho e o zelo de minha mãe. E, surpreendentemente, não tive sequelas (olha a sorte!).

Como centenas de jovens daquela época, mudei-me para Belo Horizonte para fazer o 2º ano científico e seguir para a Faculdade ...tinha 15 anos.

Estudei no Colégio Municipal, na Lagoinha. Morava no bairro, aliás sempre morei perto das escolas, do trabalho. Assim como mudei-me para o bairro São Lucas logo que passei no vestibular, o que aconteceu em 1966. Passei nas duas escolas: na Ciências Médicas e na Federal. Tem um fato pitoresco que acho que posso relatar aqui. Os dois exames eram na mesma época, o resultado na Ciências Médicas saiu primeiro e a lista dos aprovados ficava com os veteranos que, ali mesmo, submetiam ao trote os que passavam (que era oxigenar os cabelos). Fui checar meu resultado, mas não queria ser submetido ao trote caso fosse aprovado, porque ainda esperava o resultado da Federal. Aí, quando me vi, intimidado, diante do veterano, dei o nome de um colega que sabia não ter passado. O veterano antes abusado, agora constrangido, me deu a notícia que eu, na realidade o colega, não tinha passado. E me consolou: “não foi agora, mas ano que vem você vai conseguir”. Aí, perguntei se podia saber o resultado de um amigo. O veterano, agora enfadado, perguntou: qual nome? Dei o nome: Homero Gusmão de Almeida. O veterano correu os olhos na lista...“vamos ver... o Homero passou”. Falei: Pô o Homero passou e eu fiquei!?. Evitei o olhar novamente constrangido e condoído do veterano e sai discretamente para comemorar com uns amigos logo ali em frente, no Parque Municipal, que nunca me pareceu tão florido!

A época de vestibular é realmente inesquecível... e a saga continuou. Dois dias depois saiu o resultado da Federal, tinha sido aprovado para a segunda parte, a prova prática. No dia da última prova, de Física, cheguei atrasado por um imprevisto no trânsito e o professor que coordenava a distribuição das mesas, meio surpreso, meio irritado, me disse: “quase que você perde a prova! A prova que havia sido sorteada para você foi desativada e agora só sobrou aquela ali, apontando para um canto, é para medir a distância focal de uma lente. Dentre os 20 diferentes pontos sorteados, era o que eu escolheria (olha a sorte de novo!).

Formei-me em 1970, há exatos 47 anos. Iniciei com residência em Ortopedia – que deixei oito meses depois para prestar o exame do ECFMG (Educational Council for Foreign Medical Graduates) pois queria fazer residência nos Estados Unidos. Fui aprovado e, nesse ínterim, já havia decidido fazer Oftalmologia. Preparava para partir e alguns amigos me convenceram a permanecer no Brasil, argumentaram que dificilmente encontraria lá um curso tão quanto o de Hilton Rocha e que, depois, eu fosse para os EUA para estágios... Assim foi.

Após o término da residência em 1974, optei por fazer o doutorado, que conclui em 1977. Meus orientadores de Tese de Doutoramento foram o professor Nassim Calixto e o prof. Christiano Barsante. Trabalhei por mais de 02 anos no Departamento de Glaucoma do Hospital São Geraldo: tudo o que sei de glaucoma tem como alicerce o que aprendi com o professor Nassim Calixto.

Logo após a defesa de tese, segui para a Inglaterra, onde iria permanecer por 2 anos, no Moorfields Eye Hospital da Universidade de Londres, num programa de Pós-Doutorado.

Casei-me por lá, mais exatamente em Estocolmo. Mariana, que eu já namorava no Brasil, viajava para a Rússia periodicamente e ficava na casa de amigos da Embaixada Brasileira em Estocolmo. Assim, deu-se o fenômeno: eu carente no exterior há 6 meses, Mariana então decide que diante de tamanha solidão o melhor era nos casarmos... vocês sabem que nós fazemos o pedido, mas a decisão é das!

Minha filha Julie Anna nasceu em Londres 1 ano depois, em 1979, pouco tempo antes de voltarmos ao Brasil. Àquela altura eu já tinha sido convidado pelo professor Hilton Rocha para chefiar o Departamento do seu recém-inaugurado Instituto Hilton Rocha.

Em 1983 prestei concurso para Professor Adjunto da Faculdade de Medicina e lá permaneci por 33 anos.

Algumas ações nossas tenho especial orgulho... Em outubro de 1981, durante o XXVI Congresso Brasileiro de Oftalmologia no Recife, em companhia do Dr. José Carlos Reys, da Fac. de Medicina da USP, fundamos a Sociedade Brasileira de Glaucoma. Até então, apenas aos professores Nassim Calixto e Celso Antônio de Carvalho da USP repousava a responsabilidade de ministrar cursos e expandir o conhecimento sobre glaucoma em todo o Brasil. O apoio dos dois foi fundamental e na ata de Fundação ficou acertado que eles seriam os únicos Membros Honorários da SBG. O I Simpósio Internacional da SBG aconteceu aqui em BH coordenado por nós em 1985 e tendo o professor Hilton Rocha como Presidente de Honra. Para vocês terem uma ideia, no ano passado, a SBG, na sua XV Edição, reuniu 1.300 colegas em Goiânia.

Em 1992, juntamente com os colegas Cleber Godinho e Elisabeto Ribeiro Gonçalves, fundamos o Instituto de Olhos de Belo Horizonte (IOBH). Este

ano o IOBH conquistou o selo de qualidade ISO 9001 e comemora no próximo ano 25 anos. Dizem que o casamento é uma sociedade...e que uma sociedade é um casamento: acho que podemos dizer, Elisabeto e Cleber, que ano que vem comemoramos, os três, Bodas de Prata!

Fui também Presidente da Sociedade Brasileira de Catarata e Implantes Intraoculares para o biênio 2005-07. Sendo definitivamente comprometido com o glaucoma costumo dizer que é fato, sou casado com ele, mas tenho um caso com a catarata.

Sempre trabalhei junto à nossa entidade máxima, o Conselho Brasileiro de Oftalmologia. Fui Vice-Presidente em duas ocasiões: em 1995-97 e em 2005-07. E desde setembro de 2015 sou o Presidente do CBO!

O trabalho tem sido árduo, o CBO é hoje uma empresa de grande, com 17 funcionários fixos e várias interfaces de atuação e envolvendo 86 cursos de especialização distribuídos por todo o Brasil. Inúmeras Comissões cuidam de Congressos, Cursos de Educação Continuada, inúmeras publicações científicas, cujo carro-chefe são os Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, revista indexada de prestígio internacional. Um trabalho importante é a organização e atualização continuada da Série Brasileira de Oftalmologia: uma coleção de 19 volumes que cobre todas as áreas da Especialidade, com 7.000 páginas e mais de 400 autores! Temos ainda um eficiente Departamento Jurídico que cobre todo o Brasil, disponibilizando apoio a todas Sociedade Estaduais, que dispõem também de apoio de gestão, marketing, através do nosso programa CBO+PERTO. O outro programa que implementamos é o SOMOS TODOS CBO, que cuida do relacionamento com as Sociedades de Subespecialidades, que carinhosamente denominamos Sociedades Temáticas.

O Conselho Brasileiro de Oftalmologia e suas filiadas, Sociedades Estaduais e Sociedades de Subespecialidades, participam ativamente de campanhas sociais, em parcerias com órgãos públicos e entidades da iniciativa privada. As ações sociais já realizadas, em conjunto, fazem do CBO um dos maiores protagonistas mundiais no trabalho de assistência e divulgação dos cuidados com a visão. Este engajamento já foi reconhecido e premiado mundialmente em mais de uma ocasião.

Mas, de volta ao nosso encontro me pergunto se esta solenidade é real ou tudo isso nada mais é que sortilégio de uma noite mágica, em que a

magnanimidade de tantos Colegas me concede esta rara oportunidade de estar entre eles.

De qualquer maneira, eis-me aqui, senhoras e senhores, cidadão e médico, abrigado sob a túnica invisível da vaidade e do orgulho, legítimos, de poder de agora em diante sentar-me à mesa ao lado de tão ilustres e tão queridos e queridas Colegas desta respeitável e prestigiosa Casa. Sei que estou aquém do talento e da criatividade de tão insignes Membros da Academia Mineira de Medicina, mas nem por isso deixarei de me esforçar para compensar essa diferença, aliando-me ao esforço coletivo para enaltecer nossa Congregação, aumentando-lhe cada vez mais o prestígio e a respeitabilidade, tão arduamente conquistados com o empenho e a devoção de todos.

É bem possível que eu tenha cultuado um sonho impossível. Vocês, ilustres Confrades e Confreiras da Academia Mineira de Medicina, com transbordante generosidade, tornaram real esse sonho grandioso e, por isso mesmo, mal pressentido, de estar com vocês.

Nada mais justo que eu, transbordando de emoção e quase em estado de graça plena, lhes agradeça.

Portanto, eis-me aqui, senhoras e senhores, para dizer-lhes, ao final, avaro de palavras, mas rico de sentimentos: *muito obrigado*.

